



Religiões para paz e guerra Uma imagem para nosso tempo¹

Religions for peace and war an image for our time²

Michael Amaladoss³

Resumo

Olhando em torno do nosso mundo vemos conflitos armados, quer entre grupos dentro de um país ou entre países. Em um livro bem conhecido, O Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial, Samuel Huntington tende a identificar as civilizações com as religiões e previu um confronto global entre o Ocidente cristão e o Oriente islâmico. Algumas pessoas sugerem que isso já está acontecendo, começando com o ataque às torres gêmeas em Nova York em 11 de setembro de 2001. Esta experiência faz-nos fazer a pergunta: Por que as religiões estão envolvidas em tais guerras?

Palavras-chave: Religião. Conflito. Paz. Guerra.

Abstract

Looking around our world we see armed conflicts either between groups within a country or between countries. In a well-known book, The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order, Samuel Huntington tended to identity civilizations with religions and foresaw a global clash between the Christian West and the Islamic East. Some people suggest that this is already taking place, starting with the attack on the Twin towers in New York on Sept 11, 2001. This experience makes us ask the question: Why are the religions involved such wars?

Keywords: Religion. Conflict. Peace. War.

1. Palestra proferida no Simpósio Internacional: Religião para a Paz ou para a Guerra? Ocorrido na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, durante os dias 7, 8 e 9 de outubro. Tradução de Bárbara Lopes Campos e Maria Bragaglia.

2. Lecture given at the International Symposium : Religion for Peace or War ? Occurred at the Catholic University of Minas Gerais, during the 7th, 8th and 9th of October.

3. Michael Amaladoss , S.J; é indiano e professor de teologia na Vidyajyoti College, em Nova Delhi e diretor do Instituto para o diálogo entre culturas e religiões, em Chennai. Michael Amaladoss, S.J., a native of South India, is a professor of theology at Vidyajyoti College in Delhi and director of the Institute for Dialogue with Cultures and Religions in Chennai.

Looking around our world we see armed conflicts either between groups within a country or between countries. The contemporary Middle East or West Asia is a good example. Pope Francis has been saying that there is a Third World War being fought piecemeal around the world. More people have lost their lives now than in the earlier world wars. What is also new is that religions are seen to be playing a part in these wars. There have been crusades, jihads and holy wars in the past. The two world wars were not associated with religion. But when George Bush invaded Iraq he did use the word crusade, though only momentarily. But the Muslim groups saw it as an attack from the Christian West. The local Christian groups paid the price. Now the Islamic State has emerged making their offensive a real Jihad. Conflicts between Muslim and Christian groups are there in Africa and Pakistan. Hindus and Buddhists have been fighting in Sri Lanka. The Muslim majority is trying to subjugate other religious minorities in Indonesia and Malaysia. But among the Muslims themselves there is tension between the Sunnis and Shias and between the orthodox and those considered heretics. The Muslims are at the receiving end in the Philippines, India, China and Myanmar. The Jewish-Muslim conflict in Palestine is never ending. The Christian minority is suffering all over Asia. In a well known book, *The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order*, Samuel Huntington tended to identify civilizations with religions and foresaw a global clash between the Christian West and the Islamic East. Some people suggest that this is already taking place, starting with the attack on the Twin towers in New York on Sept 11, 2001. This experience makes us ask the question: Why are the religions involved such wars?

On the other hand, on the occasion of the Second World Parliament of Religions in Chicago in 1993, the participants proclaimed that there can

Olhando ao redor do nosso mundo vemos conflitos armados, quer entre grupos dentro de um país ou entre países. O Oriente Médio ou Ásia Ocidental contemporânea é um bom exemplo. O Papa Francisco vem dizendo que há uma Terceira Guerra Mundial sendo travada fragmentada em todo o mundo. Mais pessoas perderam a vida agora do que nas guerras mundiais anteriores. O que também é novo é que as religiões são vistos como desempenhando um papel nessas guerras. Houve cruzadas, jihads e guerras santas no passado. As duas guerras mundiais não foram associados com a religião. Mas quando George Bush invadiu o Iraque fez uso da palavra cruzada, embora apenas momentaneamente. Mas os grupos muçulmanos viram isso como um ataque do Ocidente cristão. Os grupos cristãos locais pagaram o preço. Agora, o Estado Islâmico surgiu fazendo da sua ofensiva uma verdadeira Jihad. Conflitos entre grupos muçulmanos e cristãos existem na África e no Paquistão. Hindus e budistas têm lutado no Sri Lanka. A maioria muçulmana está tentando subjugar outras minorias religiosas na Indonésia e Malásia. Mas entre os próprios muçulmanos existe tensão entre os sunitas e xiitas e entre os ortodoxos e aquelas consideradas hereges. Os muçulmanos estão em desvantagem, nas Filipinas, Índia, China e Mianmar. O conflito judaico-muçulmano na Palestina nunca termina. A minoria cristã está sofrendo em toda a Ásia. Em um livro bem conhecido, *O Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial*, Samuel Huntington tende a aproximar as civilizações com as religiões e previu um confronto global entre o Ocidente cristão e o Oriente islâmico. Algumas pessoas sugerem que isso já está acontecendo, começando com o ataque às torres gêmeas em Nova York em 11 de setembro de 2001. Esta experiência faz-nos fazer a pergunta: Por que as religiões estão envolvidas em tais guerras?

be no peace in the world without peace between religions. They spelt out a 'global ethic'. Earlier in September 1986, John Paul II invited the leaders of all world religions to come together to Assisi to pray for world peace. But a certain divide between the religions could be seen in the fact that they were not able to pray together. When Benedict XVI organized a similar encounter in 2011, 25 years later, they did not pray even separately. They were not probably recognized as religions at all!

It is in such a context that I shall try to explore how religions are actually involved both in war and peace. I shall first show how religions contribute to violence. Then we shall see their essential role in promoting peace among peoples.

Defending One's Social Identity

Though the contemporary political order is based on individual rights and culture is characterized by individualism people remain social beings. The human community is divided into groups based on ethnicity, culture, language, economic status, religion, etc. Our identities as humans are socially constructed. Individuals become aware of their identity in interaction with significant others starting with parents, other elders in the community, the neighbours. One's identity in a community is both created and interiorized by symbolic rituals like life-cycle and seasonal rituals, social and religious festivals. A group identity is always distinguished from another group: 'we' against 'them'. Psychologists suggest that when there are many groups, the other groups are seen as not merely different, but as competitive, inferior and even inimical. There is an 'in-group' as against an 'out-group'. Once the difference is experienced, though there may be an inevitable social interaction in the market place, there is no effort to know the 'other'. Contacts remain superficial. This leads to ignorance

Por outro lado, por ocasião do Segundo Parlamento Mundial das Religiões em Chicago, em 1993, os participantes proclamaram que não pode haver paz no mundo sem paz entre as religiões. Eles escreveram um 'ética global'. No início de Setembro de 1986, João Paulo II convidou os líderes de todas as religiões do mundo a se unirem em Assis para rezar pela paz mundial. Mas certa divisão entre as religiões pode ser visto no fato de que eles não foram capazes de orar juntos. Quando Bento XVI organizou um encontro semelhante em 2011, 25 anos depois, eles não oram até mesmo separadamente. Eles não estavam provavelmente se quer sendo reconhecidos como religiões!

É nesse contexto que vou tentar explorar como as religiões estão realmente envolvidas tanto na guerra e na paz. Eu devo primeiro mostrar como as religiões contribuem para a violência. Então veremos o seu papel essencial na promoção da paz entre os povos.

Defendendo a própria identidade social

Embora a ordem política contemporânea seja baseada em direitos individuais e a cultura é caracterizada pelo individualismo, pessoas permanecem seres sociais. A comunidade humana é dividida em grupos com base na etnia, cultura, língua, situação econômica, religião, etc. Nossas identidades como seres humanos são socialmente construídas. Os indivíduos se tornam conscientes de sua identidade na interação com outros significativos começando com pais, outros anciãos na comunidade, os vizinhos. A identidade em uma comunidade é criada e interiorizada por rituais simbólicos como ciclo de vida e rituais sazonais, social e festas religiosas. A identidade de grupo é sempre distinta de outro grupo: "nós" contra "eles". Os psicólogos sugerem que, quando há muitos grupos, os outros grupos são vistos como não

and prejudice. Most Christian communities have Christian schools, as the Muslims have their *Madarasas*. Religion is always a part of group rituals and festivals. Therefore religious identity becomes part of group identity. We can say that it is the deepest dimension since it relates to ultimate questions involving life and death. It guides the quest for meaning and goal setting in life. Religion may continue to provide a framework of meaning to the culture even when one is not practicing a particular religion. Or the religion may be substituted by an ideology or quasi-religion that is often related to the dominant religion. Sudhir Kakar, an Indian psychoanalyst who has studied the phenomenon of interreligious violence, explains:

The inner space occupied by what is commonly called the 'self' – which I have been using synonymously with 'identity' – not only contains mental representations of one's bodily life and of primary relationships within the family but also holds mental representations of one's group and its culture, that is, the group's configuration of beliefs about man, nature, and social relations (including the view of the Other). (p.BD 18).

Psychologists suggest that such a sense of identity develops and becomes fixed already at the age of 3 or 4. Since it is normally unconscious, it is also strong and not easily changed. People belonging to different such groups can live together in a spirit of tolerance – of 'live and let live'. But when there is a competition at the social, economic or political field, the identity can become conflictual.

Religious Communalism

In so far as religion can strengthen social identity as being a group specially chosen or favoured by God, it can intensify the conflict and make it also religious. In this case we speak of religious communalism. The term 'communalism' may not

apenas diferente, mas como competitivo, inferior e até mesmo hostil. Há um "in-grupo" contra um "out-group". Uma vez que a diferença é experimentada, embora possa haver uma interação social inevitável no mercado, não há esforço para conhecer o "outro". Contatos permanecer superficiais. Isto leva à ignorância e preconceito. A maioria das comunidades cristãs têm escolas cristãs, como os muçulmanos têm suas *Madarasas*. A religião é sempre uma parte de rituais e festivais de grupo. Portanto identidade religiosa se torna parte da identidade do grupo. Podemos dizer que é a dimensão mais profunda, uma vez que diz respeito a questões fundamentais que envolvem a vida e a morte. Ela orienta a busca de significado e objetivo ambiente na vida. Religião pode continuar a fornecer uma estrutura de significado para a cultura, mesmo quando não se está praticando uma religião em particular. Ou a religião pode ser substituído por uma ideologia ou quase-religião que é muitas vezes relacionada com a religião dominante. Sudhir Kakar, um psicanalista indiano que estudou o fenômeno da violência inter-religiosa, explica:

O espaço interno ocupado por o que é comumente chamado de "eu" - que eu tenho usado como sinônimo de "identidade" - não só contém representações mentais de uma vida física e de relações primárias dentro da família, mas também detém as representações mentais de um grupo e sua cultura, isto é, a configuração do grupo de crenças sobre o homem, a natureza, e das relações sociais (incluindo o ponto de vista da outra). (p.BD 18).

Psicólogos sugerem que tal sensação de identidade desenvolve e se torna já fixa com a idade de 3 ou 4. Uma vez que é normalmente inconsciente, também é forte e não é facilmente alterada. As pessoas pertencentes a tais diferentes grupos podem viver juntos em um espírito de tolerância - de "viva e deixe viver". Mas quando há uma competição no campo social, econômico ou político, a identidade pode tornar-se conflituosa.

be found in the Oxford dictionary, but it is widely used in India. It refers to the political use of religion. Most conflicts between groups start as economic conflicts. As groups grow and spread they need resources. Searching for such resources they may come across other groups that are controlling them. Such control involving power is political domination. An economic struggle thus becomes a political one – search for control. Leaders who want to build up a group find in religion an easy and good cementing force. Europe used to have Christian democratic parties. In Malaysia, for instance, the Muslims, though they have only a slender majority, hold on to power in this manner. Other Muslim countries have Islamic parties. In India a party with a Hindutva ideology is ruling the country just now. Buddhist groups are ruling Sri Lanka and Myanmar. Philippines is a 'Christian' country. This possible relation between religion and politics is the reason why in communist countries like China or Vietnam, the religious groups are forbidden or tightly controlled, when it is not possible to impose communist ideology on every one. We know the role that religious identity – the religious right - is playing even in the USA. There are some secular countries in Europe that have no need for religion. But they will discover themselves as religiously different, at least negatively, as soon as they have to face a strong Muslim minority.

Religious Fundamentalism

Religion can become a source of conflict when a religious group becomes fundamentalistic. Fundamentalists are those who think that they have to defend the fundamentals of their religion when they are under attack, because they are true. The term 'fundamentalism' had its origin in the Southern United States of America in the 1930s. Some Christian groups there interpreted the Bible literal-

Comunalismo religioso

Na medida em que a religião pode fortalecer a identidade social, como sendo um grupo especialmente escolhido ou favorecido por Deus, pode intensificar o conflito e torná-lo também religioso. Neste caso, falamos de comunalismo religioso. O termo "communalism" não pode ser encontrado no dicionário Oxford, mas é amplamente utilizado na Índia. Ele refere-se ao uso político da religião. A maioria dos conflitos entre grupos começam como conflitos econômicos. Como os grupos crescem e se espalham eles precisam de recursos. Procurando esses recursos podem se deparar com outros grupos que estão controlando-os. Tal poder é controle envolvendo dominação política. Uma luta econômica torna-se assim uma política uma - busca de controle. Líderes que querem construir um grupo encontram na religião uma força construtiva fácil e boa. A Europa costumava ter partidos Democratas Cristãos. Na Malásia, por exemplo, os muçulmanos, apesar de ter apenas uma maioria delgada, se mantiveram no poder dessa maneira. Outros países muçulmanos têm partidos islâmicos. Na Índia um partido com uma ideologia Hindu está governando o país agora. Grupos budistas estão governando Sri Lanka e Myanmar. Filipinas é um país "cristão". Essa possível relação entre religião e política é a razão por que em países comunistas como a China ou o Vietnã, os grupos religiosos são proibidos ou rigidamente controlados, quando não é possível impor a ideologia comunista em cada um. Nós sabemos o papel que a identidade religiosa - a direita religiosa - está jogando até mesmo nos EUA. Há alguns países seculares da Europa que não têm nenhuma necessidade para a religião. Mas eles vão descobrir-se como religiosamente diferentes, pelo menos negativamente, logo que eles têm de enfrentar uma forte minoria muçulmana.

ly and questioned science that seemed to question the stories in the Bible. The theory of evolution was attacked because it seemed to deny the story of creation the Bible. Such an anti-scientific attitude became overtly political when the group also turned against communism as an atheistic ideology and felt the responsibility to protect the USA from the Soviet block in the era of a bi-polar world after the Second World War. Now it is fighting other causes like abortion, same sex marriage, etc. Fundamentalism was later attributed to Islamic forces in the Middle East. Islamic fundamentalists believe in the literal truth of the Quran and think that whatever you need to know is there in the Quran. Today in India the Hindu fundamentalists discover in their ancient scriptures – the Vedas - prototypes of modern technology like air planes.

Religious fundamentalism need not be a problem if a particular religious group has such beliefs. As a matter of fact, the fundamentalists were not very political in the beginning. It becomes a source of conflict only when the group seeks to impose such beliefs on other religious groups in a country where it is a majority. While communalism simply uses religious identity as a cementing force for a political group, fundamentalism seeks to impose its religious belief/truth in the public sphere. This obviously leads to conflicts which are not only political but also religious. The conflicts become dramatic when leaders, who may be non-believers, use the fundamentalism of the masses to gain and impose political hegemony.

Exclusivism in religion can be considered a mild form of fundamentalism. Some people believe that the religion they profess is the only way to human fulfillment (salvation). Their outlook is global and they want to convert everyone to their religion. They engage in proselytism and, when an occasion offers itself, they may not be averse to use force to impose their religion. Such force may go

Fundamentalismo religioso

A religião pode se tornar uma fonte de conflito quando um grupo religioso se torna fundamentalista. Os fundamentalistas são aqueles que pensam que eles têm de defender os fundamentos da sua religião quando eles estão sob ataque, porque eles são verdadeiros. O termo “fundamentalismo” teve sua origem no sul dos Estados Unidos da América na década de 1930. Alguns grupos cristãos não interpretaram a Bíblia literalmente e questionaram a ciência que parecia questionar as histórias da Bíblia. A teoria da evolução foi atacada porque parecia negar a história da criação da Bíblia. Tal atitude anticientífica tornou-se abertamente política, quando o grupo também se voltou contra o comunismo como uma ideologia ateuista e sentiu a responsabilidade de proteger os EUA do bloco soviético na era de um mundo bipolar após a Segunda Guerra Mundial. Agora ele está lutando contra outras causas como aborto, casamento do mesmo sexo, etc. Fundamentalismo mais tarde foi atribuído a forças islâmicas no Oriente Médio. Fundamentalistas islâmicos acreditam na verdade literal do Alcorão e pensar que tudo o que você precisa saber está lá no Alcorão. Hoje, na Índia, os fundamentalistas hindus descobrem, em suas escrituras antigas - os Vedas - os protótipos da tecnologia moderna como aviões.

O fundamentalismo religioso não precisa ser um problema se um determinado grupo religioso tem tais crenças. Inclusive, os fundamentalistas não eram muito político no início. Torna-se uma fonte de conflito apenas quando o grupo visa impor tais crenças em outros grupos religiosos em um país onde é a maioria. Enquanto comunalismo simplesmente usa a identidade religiosa como uma força para cimentar um grupo político, o fundamentalismo procura impor a sua crença religiosa/verdade na esfera pública. Isto, obviamente, leva a conflitos que não são unicamente políticos, mas também re-

from spiritual-psychological to economic-political, mediatic and even military. This has happened in Islam and also in Christianity in the colonial period, especially in the Americas and, perhaps, some places in Africa. That a politically dominant group attracts weaker sections of society to join them is the other side of the story. On the contrary, some groups have chosen religious conversion as a way of protesting against social oppression. For example, a well known leader in India, Bhimrao Ambedkar, converted to Buddhism with thousands of his untouchable followers, because he felt that they will not gain social equality if they remained Hindu. For the same reason some have become Christian or Muslim.

Religions are not Innocent

From what we have seen so far one may get the impression, that religions, who are innocent in themselves, are made use of by political leaders to gather together and animate a group of people in the pursuit of their own economic and political ends. But, unfortunately, religions themselves have a violent face. Most religions start as a quest for a solution to the 'problem of evil'. The most obvious is the Buddha who started with the idea that there is suffering in the world. He discovered that the cause of suffering is desire and he proposed his eight-fold path to get rid of desire and escape suffering. Hinduism attributes suffering to one's own actions in the past, in this or in a previous life, which deserve suffering as punishment. One can escape this cycle of births through a variety of ways involving wise insight, loving devotion to the Lord and desireless action. Christianity thinks that suffering came into the world because of the sin of the first humans. But they themselves were tempted by an evil spirit – a serpent. Jesus' suffering paid back for the sins of humanity. One of the theories of redemption

ligiosos. Os conflitos tornam-se dramáticos quando os líderes, que podem ser não-crentes, usam o fundamentalismo das massas para ganhar e impor a hegemonia política.

Exclusivismo na religião pode ser considerado uma forma leve de fundamentalismo. Algumas pessoas acreditam que a religião que professam é a única forma de realização humana (salvação). Sua visão é global e querem converter todos à sua religião. Eles engajam em "proselytism" e, quando uma ocasião se oferece, eles podem não ser avessos a usar a força para impor a sua religião. Tal força pode ir de espiritual-psicológica para econômico-político, midiático e até mesmo militar. Isso já aconteceu no Islã e também no cristianismo no período colonial, especialmente nas Américas e, talvez, alguns lugares da África. Que um grupo politicamente dominante atrai setores mais fracos da sociedade para se juntar a eles é a outra versão da história. Pelo contrário, alguns grupos optaram por conversão religiosa como uma forma de protesto contra a opressão social. Por exemplo, um líder bem conhecido na Índia, Bhimrao Ambedkar, se converteu ao budismo com milhares de seus seguidores intocáveis, porque ele sentia que eles não vão ganhar a igualdade social se eles permanecessem Hindu. Pela mesma razão, alguns se tornaram cristãos ou muçulmanos.

Religiões não são inocentes

Pelo que temos visto até agora pode-se ter a impressão de que as religiões, que são inocentes em si mesmas, são feitas pelo uso de líderes políticos de reunir e animar um grupo de pessoas em busca de seus próprios fins econômicos e políticos. Mas, infelizmente, as próprias religiões têm uma face violenta. A maioria das religiões começam como uma busca de uma solução para o "problema do mal". O mais óbvio é o Buda, que começou com a ideia de que há sofrimento no mundo. Ele descobriu que a

sees it as a victory over the evil spirit. Islam also has its devils, who disobeyed Allah. Such a quest to explain the experience of suffering leads eventually to a world where there is an ongoing conflict between good and evil forces – angels and devils in the Christian tradition.

In a situation of conflict between two groups in which religious identity has been used to rally the troops, it is easy to identify one's own group with God and the other with the devil or false gods. Every conflict in the Old Testament was a holy war between Yahweh and the false gods of the other peoples, till we come to the later period when the Assyrians and the Persians were seen acting as God's agents to punish unfaithful Israel. Every holy war also becomes a just war, because the enemy, being unjust, deserves to be annihilated. There were the crusades in the middle ages against the heathen in order to liberate the Holy places in Palestine. Even saints like Bernard preached the crusades enthusiastically. In the colonial period violence was justified in the task of bringing the goods of salvation to the ignorant infidels, of course in the process of sharing their gold. George Bush saw Satan lurking in Iraq, Iran and, perhaps Russia and declared a crusade. Of course, control over the oil fields in West Asia will be a welcome, even if incidental, consequence. Islam has its jihad. In the beginning it was supposed to be the personal struggle of each one to be faithful to Allah. Afterwards it was justified as a defensive action against aggression. Later it became a justified way of promoting the truth of Allah in the face of non-believers. The great epics of Hinduism, the Ramayana and the Mahabharata, are battle narratives to re-establish *Dharma* or righteousness on this earth. God Vishnu comes down to the earth for the defense of *Dharma* and instructs his disciple Arjuna to fight. His discourse encouraging battle – the *Bhagavad Gita* – has become the most sacred text of modern Hindus. Buddha may be non-violent, but Buddhism

causa do sofrimento é o desejo e ele propôs sua trajetória de oito passos para se livrar do desejo e escapar do sofrimento. Hinduísmo atribuiu sofrimento para um a partir de ações no passado, no presente ou em uma vida anterior, que merecem que sofrem como punição. Um pode escapar deste ciclo de nascimentos através de uma variedade de maneiras que envolvem uma visão sábia, amorosa devoção ao Senhor e ação sem desejo. Cristianismo pensa que o sofrimento veio ao mundo por causa do pecado dos primeiros humanos. Mas eles mesmos foram tentados por um espírito maligno – uma serpente. O sofrimento de Jesus pago de volta para os pecados da humanidade. Uma das teorias da redenção vê como uma vitória sobre o espírito maligno. Islã também tem seus demônios, que desobedeceram a Deus. Tal busca para explicar a experiência do sofrimento eventualmente leva a um mundo onde há um conflito entre forças do bem e do mal – anjos e demônios na tradição cristã.

Em uma situação de conflito entre dois grupos em que a identidade religiosa tem sido usada para reunir as tropas, é fácil de identificar de um grupo próprio com Deus e outro com o diabo ou falsos deuses. Cada conflito no Antigo Testamento era uma guerra santa entre Javé e os falsos deuses dos outros povos, até que chegamos ao período posterior, quando os assírios e os persas foram vistos atuando como agentes de Deus para punir Israel infiel. Toda guerra santa também se torna uma guerra justa, porque o inimigo, sendo injusto, merece ser aniquilada. Havia as cruzadas na Idade Média contra os pagãos, a fim de libertar os lugares sagrados da Palestina. Mesmo santos como Bernardo pregou as cruzadas com entusiasmo. Na violência período colonial era justificada à tarefa de levar os bens da salvação para os infieis ignorantes, naturalmente no processo de compartilhar o seu ouro. George Bush viu Satanás à espreita no Iraque, Irã e, talvez, a Rússia e declarou uma cruzada. Claro, o controle sobre

has a host of good and evil spirits, who battle in the world before final liberation. The Sikhs travel round with a little dagger. Only Jainism has remained totally non-violent. So armies can always find some justification for battle in their scriptures and demonize the enemy as evil. One can then eliminate them with a good conscience, in God's name.

Ambiguous Religion

How can religions which support war in this manner bring peace? The reason is that religions happen to be both legitimizing and prophetic. The ideal example to understand this would be Paul. Opposing faith to law, he says:

In Christ Jesus you are all children of God through faith. As many of you as were baptized into Christ have clothed yourself with Christ. There is no longer Jew or Greek, there is no longer slave or free, there is no longer male and female; for all of you are one in Christ Jesus. (Gal 3:26-28).

But the same Paul, when the slave Onesimus comes to him for refuge, sends him back to Philemon. He does not tell Philemon to free Onesimus, since he is now a brother in Christ. As a matter of fact, he tells the Ephesians: "Slaves obey your masters with fear and trembling, in singleness of heart, as you obey Christ." (Eph 6:5) He also has a long passage in his letter to the Corinthians asserting that "the husband is the head of his wife" (1 Cor 11:3) and therefore the women should veil themselves. (cf. 1 Cor 11:2-16) The ideals of religion adjust themselves to the prevailing social customs. Religion would legitimize society, though it is also called to be prophetic. Paul himself would condemn, in that same chapter, the social inequality being practiced between the rich and the poor in the community on the occasion of the Eucharist (cf. 1 Cor 11:27-32) This leads Paul to speak of the different, but equal, gifts of

os campos de petróleo na Ásia Ocidental será uma bem-vinda, mesmo que acidental consequência. Islã tem sua jihad. No início, era para ser a luta pessoal de cada um para ser fiel a Deus. Posteriormente, foi justificada como uma ação defensiva contra a agressão. Mais tarde, tornou-se uma forma justificada de promover a verdade de Deus em face da não-crentes. Os grandes épicos do hinduísmo, o Ramayana e Mahabharata, são narrativas de batalha para restabelecer o Dharma ou a justiça nesta terra. Deus Vishnu desce a terra para a defesa do Dharma e instrui seu discípulo Arjuna para lutar. Seu discurso incentivando batalha - o Bhagavad Gita - tornou-se o texto mais sagrado dos hindus modernos. Buddha pode ser não-violento, mas o budismo tem uma série de bons e maus espíritos, que lutam no mundo antes da libertação final. Os Sikhs viajam com um pequeno punhal. Apenas jainismo manteve-se totalmente não-violento. Então exércitos podem sempre encontrar alguma justificação para a batalha em suas escrituras e demonizar o inimigo como o mal. Pode-se então eliminá-los com uma boa consciência, em nome de Deus.

Religião ambígua

Como as religiões que apoiam a guerra dessa maneira pode trazer a paz? A razão é que as religiões que ser tanto legitimadora e profética. O exemplo ideal para entender isso seria Paul. Opondo fé com a lei, ele diz:

Em Cristo Jesus, todos vocês são filhos de Deus pela fé. Como muitos de vós que fostes batizados em Cristo vos-se vestido com Cristo. Já não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; para todos vós sois um em Cristo Jesus. (Gálatas 3: 26-28).

Mas o mesmo Paul, quando o escravo Onésimo vem para buscar refúgio, envia-lo de volta a Philemon. Ele não diz a Philemon para libertar

the Spirit, of the unity of the Body of Christ and of the beauties of love. The Church would tolerate slavery till the 18th century. Slavery still continues in Christian communities in terms of racial and caste differences and in the way the migrant peoples are treated. Women continue to be oppressed in various ways. My only intention here is to show that religion tends to be both prophetic and legitimating in society. Scriptural passages would be selected and interpreted to suit one's purpose. This precisely offers us an opportunity to insist on the prophetic dimension of religion.

Religions for Peace

It is my contention that while conflict and oppression is present in the economic, political, social, cultural and even religious areas of society, only religions offer us tools for promoting justice and peace. Economics is only interested in generating profit through various industrial and commercial enterprises, exploiting the poor in the process. Politics is engaged in the quest for power to control nature's resources and also the labourers in order to facilitate profitable economic activity. Society will remain hierarchical, supported by economic and political differences. Individual rights and freedoms will be affirmed at the political level, to be exercised only at the time of the elections. The media helps us to live in a dream world, enabling us to tolerate the living situation. Only religion, in the name of God, the Absolute, raises a prophetic voice, if not officially and structurally, then through prophetic people who witness through their lives and words to an alternate way of living together and building communities of peace and harmony. All religions proclaim peace as the ideal and goal: *shalom*, *salam*, *shanthi*. But peace is not a given, but something to be achieved. Religions can promote peace by enabling personal conversion as well as social transformation.

Onésimo, já que ele é agora um irmão em Cristo. Como um fato importa, ele diz aos Efésios: "Escravos obedecer seus mestres com temor e tremor, na sinceridade de coração, como você obedecer a Cristo." (Ef 6: 5) Ele também tem uma longa passagem em sua carta ao afirmar Coríntios que "o marido é a cabeça de sua esposa" (1 Cor 11: 3) e, portanto, as mulheres devem velar-se. (cf. 1 Cor 11: 2-16) Os ideais da religião se ajustar aos costumes sociais prevalentes. Religião legitimaria a sociedade, mas também é chamado a ser profética. O próprio Paulo condenaria, no mesmo capítulo, a desigualdade social sendo praticado entre os ricos e os pobres na comunidade por ocasião da Eucaristia (cf. 1 Cor 11: 27-32) Isso leva Paulo para falar do diferente, mas iguais, os dons do Espírito, da unidade do Corpo de Cristo e das belezas do amor. A Igreja iria tolerar a escravidão até o século 18. A escravidão ainda continua nas comunidades cristãs em termos de diferenças raciais e de castas e na forma como os povos migrantes são tratados. As mulheres continuam a ser oprimidos de diversas maneiras. Minha única intenção aqui é mostrar que a religião tende a ser profética e legitimadora na sociedade. Passagens das escrituras seriam selecionadas e interpretadas para atender sua finalidade. Isso nos oferece precisamente uma oportunidade para insistir na dimensão profética da religião.

Religiões para a paz

Argumento que, enquanto o conflito e a opressão estão presentes na áreas econômica, política, social, cultural e até religiosa da sociedade, somente a religião nos oferece ferramentas para a promoção da justiça e da paz. A economia está interessada apenas na geração do lucro por meio de vários empreendimentos industriais e comerciais, explorando os pobres no processo. A política está engajada na busca pelo poder de controlar os recur-

Peace Making

The root causes of conflict in the world are desire, manifested today as consumerism, egoism and quest for power and domination, and individualism. These are camouflaged under noble goals like human rights, efficiency, justice and peace. Religions are used to justify such false goals. If religions wish to promote peace, given the ongoing situation of violence, their first task is conflict resolution and peacemaking. One of the successful efforts at reconciliation in recent years has been the Truth and Reconciliation Commission in South Africa under the chairmanship of Bishop Desmond Tutu. This commission has shown us that peace is possible only under three conditions: establish the truth of what has happened or is happening, promote restorative justice and encourage reconciliation through forgiveness. Conflicts have causes: real ones and others projected. The first task is to find and accept the real causes. Truth must be acknowledged publicly. Most of the reasons for the conflict will disappear if the truth is told and accepted. The discovery and affirmation of truth must be followed by the doing of justice. Desmond Tutu has distinguished between retributive justice and restorative justice. Retributive justice is based on revenge: an eye for an eye. It is accompanied by anger and provokes resistance. Restorative justice seeks to ignore the past and focuses on the future with the aim of rebuilding community. If people have sustained losses during the war, some reparation must be done. The community must take responsibility for this. There must follow reconciliation. This is more difficult. Reconciliation involves forgiveness by the offended group. But forgiveness will not restore relationship and community if it is not preceded by recognition of guilt, as a minimum, and repentance by the other party. This involves a change of heart

dos da natureza e os trabalhadores, com o intuito de facilitar a atividade econômica rentável. A sociedade permanecerá hierárquica, apoiada nas diferenças econômicas e políticas. Os direitos e liberdades individuais serão afirmadas a nível político, mas serão exercitadas apenas em época de eleições. A mídia nos ajuda a viver no mundo dos sonhos, nos permitindo tolerar a situação vivida. Somente a religião, em nome de Deus, o Absoluto, eleva uma voz profética, se não oficialmente e estruturalmente, então por meio de pessoas proféticas que testemunham, através de suas vidas e palavras, um meio alternativo de viverem juntos e construir comunidades de paz e harmonia. Todas as religiões proclamam a paz como ideal e objetivo – *shalom, salam, shanti* – mas a paz não é algo dado, mas sim algo a ser conquistado. As religiões podem promover a paz ao permitir a conversão pessoal, bem como a transformação social.

Construindo a paz

As raízes do conflito no mundo são o desejo, manifestado atualmente no consumismo, egoísmo e busca por poder e dominação, e o individualismo. Ambos são camuflados em nobres fins como os direitos humanos, a eficiência, a justiça e a paz. As religiões são usadas para justificar tais falsos fins. Se as religiões desejam promover a paz, dado a presente situação de violência, suas primeiras tarefas devem ser a resolução de conflito e a construção da paz. Um dos esforços bem-sucedidos de reconciliação nos últimos anos tem sido a Comissão de Verdade e Reconciliação na África do Sul, sob a presidência do bispo Desmond Tutu. Essa Comissão tem nos mostrado que a paz só é possível sob três condições: estabelecimento da verdade acerca do que aconteceu ou está acontecendo, promoção da justiça restaurativa e encorajamento da reconciliação através do perdão. Os conflitos têm causas: as reais e outras

which only religion, not economic, political and social considerations alone, can achieve. It is only religion which can be altruistic and motivate people to be just in terms of distributive justice in the economic context. It is only religion that can enable people to look on others, not as objects to be manipulated for one's own quest for power, but as persons whom one has to love and respect. Once again, it is only religion which can break open our shell of individualism and help us to open up to nature, the others and God in the process of building community. When persons change, they can change the structures in an authentic way. Otherwise, structural changes will only be apparent and oppressions will continue under different forms. This has been the case in many so called revolutions, which tend to be merely political and end up changing only the group that is in power, while the economic, social and political situations of the people remain the same. Mahatma Gandhi is a good example. He tried to launch a total non-violent revolution in India. Politically he succeeded in freeing India from British rule. But his economic and social revolutionary goals remained unachieved. So the struggle continues, though it has not lead to much open and widespread violence yet, though there are tense regions and active, unsubdued, guerilla groups. There are also ethnic and religious conflicts in the North-West and the North-East. Martin Luther King brought about political equality, but the race relations have not really changed in the USA, in spite of having an Afro-American president.

Religions and Social Change: Christianity

Now I shall move one step further and show how the various world religions have in them elements that promote social change and peace. I shall

projetadas. A primeira tarefa é encontrar e aceitar as causas reais. A verdade deve ser reconhecida publicamente. A maioria dos motivos para o conflito vai desaparecer se a verdade for contada e aceita. A descoberta e a afirmação da verdade devem ser seguidas da justiça. Desmond Tutu distinguiu justiça distributiva de justiça restaurativa. A justiça distributiva é baseada na vingança: olho por olho. Ela é acompanhada pela raiva e provoca resistência. A justiça restaurativa procura ignorar o passado e focar no futuro com o objetivo de reconstruir a comunidade. Se as pessoas tiveram perdas contínuas durante a guerra, alguma reparação deve ser feita. A comunidade tem que ter responsabilidade sobre isso. A seguir, deve haver reconciliação. Isso é mais difícil. A reconciliação envolve perdão pelo grupo ofendido. Mas o perdão não restaurará as relações e a comunidade se não for precedido pelo reconhecimento da culpa, no mínimo, e pelo arrependimento da outra parte. Isso envolve uma mudança de sentimento em que apenas a religião, e não as considerações econômicas, políticas e sociais, podem conseguir. Somente a religião pode ser altruísta e motivar pessoas para que se encontrem nos termos da justiça distributiva no contexto econômico. Apenas a religião pode habilitar as pessoas a olhar para as outras, não como objetos a serem manipulados segundo a busca pelo poder de alguém, mas como pessoas que esse alguém deve amar e respeitar. Mais uma vez, somente a religião pode abrir a nossa concha do individualismo e nos ajudar a nos abrir para a natureza, para os outros e para Deus no processo de construção da comunidade. Quando as pessoas mudam, elas podem mudar as estruturas de uma forma autêntica. Caso contrário, as mudanças estruturais só serão aparentes e as opressões continuarão de outras maneiras. Este tem sido o caso em muitas das chamadas revoluções, enquanto a situação econômica, social e política das pessoas permanece a mesma. Mahatma Gandhi é um bom

limit my attention to Christianity, Islam, Hinduism and Buddhism. Religions do not offer concrete economic, political and even social solutions. But they offer ethical perspectives to help people to develop projects and make choices.

Jesus proclaimed the coming of the Kingdom (cf. Mk 1:14-15) and inaugurated it by his life, teaching and miracles. The coming of the Kingdom calls for conversion – a change of heart, of perspectives, attitudes and practice. An Indian exegete, George Soares-Prabhu, summarizes the message of the Kingdom in three words: freedom, fellowship and justice. It frees the people from the demons of egoism and desire. It promotes distributive and restorative justice. Jesus does this by his special option for the poor. He does his miracles of healing and feeding in their favour. His table-fellowship with the publicans, sinners and prostitutes shows that he is not with the self-righteous Pharisees or power-hungry High priests, but with the poor and the oppressed. In his story of the final judgment, he identifies himself with the poor and the needy and tells the people: “Just as you did it to one of the least who are members of my family, you did it to me.” (Mt 25:40) He reaches out to the sinners by forgiving and healing them. (cf. Mk 2:1-12; Lk 7:36-50) In the parable of the Good Samaritan, he shows that the neighbor to be loved is whoever is in need. He reaches out to Samaritans (Jn 4), the Syrophenician woman (Mk 7:24-30) and a Roman centurion (Mt 8:5-13).

On the last day of his life, Jesus gives his disciples a new commandment: “Love one another as I have loved you”. (Jn 15:12) He demonstrates what that love means in three ways: service, sharing and self-giving. He washes the feet of his disciples, giving them a lesson in humility. He shares food with them at the Last Supper, making himself present in it bodily. He offers his life in defense of the new life that he is offering in the

exemplo. Ele tentou lançar uma revolução totalmente não violenta na Índia. Ele foi politicamente bem-sucedido em libertar a Índia da colonização britânica. Mas seus objetivos econômicos e sociais revolucionários permaneceram não alcançados. E assim a luta continua, ainda que não tenha levado a uma violência aberta e generalizada e que existam regiões de tensão e grupos de guerrilha ativos e não subordinados. Também há conflitos étnicos e religiosos no Norte-Occidental e no Norte-Oriental. Martin Luther King tratou da igualdade política, mas as relações raciais não mudaram de fato nos EUA, mesmo com um presidente afro-americano.

Religiões e a mudança social: Cristianismo

Agora eu devo dar um passo adiante e mostrar como as várias religiões mundiais têm em si elementos que promovem a mudança social e a paz. Eu devo limitar minha atenção ao Cristianismo, Islamismo, Hinduísmo e Budismo. As religiões não oferecem soluções econômicas, políticas e sociais concretas. Mas elas oferecem perspectivas éticas para ajudar as pessoas a desenvolver projetos e fazer escolhas.

Jesus proclamou a chegada do Reino (Mc 1:14-15) e o inaugurou com sua vida, ensinamentos e milagres. A chegada do Reino demanda conversão – uma mudança de sentimento, perspectivas, atitudes e práticas. Um exegeta indiano, George Soares-Prabhu, resume a mensagem do Reino em três palavras: liberdade, companheirismo e justiça. Ele liberta as pessoas dos demônios do egoísmo e desejo. Ele promove a justiça distributiva e restaurativa. Jesus faz isso por meio da sua escolha especial pelo pobre. Ele faz seus milagres da cura e sustento em seu favor. Sua comunhão com os publicanos, pecadores e prostitutas mostra que ele não se unia aos fariseus hipócritas ou aos sumos sacerdotes sedentos por poder, mas sim aos pobres e oprimidos.

Kingdom. “No one has greater love than this, to lay down one’s life for one’s friends.” (Jn 15:13) He leaves for them the symbol of the Eucharist as a celebration of community.

Forgiveness is a major theme of Jesus’ preaching and praxis. In the sermon on the mount he exhorts people to forgive their enemies and holds up the Father as an example. Forgiveness is the way of perfection. (Mt 5:43-48). The corresponding passage in the Gospel of Luke reads: “Be merciful, just as your Father is merciful.” (Lk 6:36) As you go up to the altar to make an offering, if you think that a brother or a sister has some grievance against you, you must go and get reconciled before making the offering. (cf. Mt 5:23-24) Finally Jesus teaches his disciples to pray: “Forgive us our debts, as we also have forgiven our debtors.” (Mt 6:12).

The early Christians understood Jesus’ perspectives and tried to live as a community of sharing and fellowship (cf. Acts 2:44-47), though tensions developed soon after and the Apostles had to appoint deacons. (cf. Acts 6:1-6)

Islam

Islam has a special concern for the poor. *Zakat* or alms giving is one of the five pillars of Islam. The other pillars are: the profession of faith, prayer five times a day, fasting, especially during Ramzan and pilgrimage to Mecca, when possible. One is supposed to give 2.5% of one’s income to the poor. One can give more. In this way, some sort of economic equality is sought to be maintained in society. In an Islamic country, the state could collect a tax as *zakat* and distribute the money or goods to the poor. Islam forbids interest on loans, though there is an elaborate jurisprudence on this.

One of the important doctrines of Islam is *Tawhid* or the unicity of God. God is one. This implies that the community also should be one, char-

Na sua história do julgamento final, ele identifica a si próprio com os pobres e necessitados e conta às pessoas: “O que vocês fizeram a algum dos meus menores irmãos, a mim o fizeram.” (Mt 25:40) Ele estende a mão aos pecadores ao perdoá-los e curá-los. (cf. Mc 2:1-12; Lc 7:36-50) Na parábola do Bom Samaritano, ele mostra que o vizinho a ser amado é qualquer um que esteja em necessidade. Ele estende a mão para os samaritanos (Jo 4), a mulher siro-fenícia (Mc 7: 24-30) e um centurião romano (Mt 8: 5-13).

Em seu último dia de vida, Jesus dá aos seus discípulos um novo mandamento: “Amem-se uns aos outros como eu os amei”. (Jo 15:12) Ele demonstra o que o amor significa de três formas: servindo, dividindo e se autodoando. Ele lava os pés dos seus discípulos, dando a eles uma lição de humildade. Ele divide a comida com eles na última ceia, tornando a si mesmo corporalmente presente nela. Ele oferece a vida dele em defesa de uma nova vida que está oferecendo ao Reino: “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida pelos seus amigos.” (Jo 15:13) Ele deixa para eles um símbolo da eucaristia como uma celebração da comunidade.

O perdão é o principal tema das pregações e práxis de Jesus. No sermão da montanha, ele encoraja as pessoas a perdorem seus inimigos e ter o Pai como um exemplo. O perdão é o caminho da perfeição. (Mt 5:43-48). A passagem correspondente no evangelho de Lucas diz: “Sejam misericordiosos, assim como o Pai é misericordioso”. (Lc 6:36) Enquanto você caminha ao altar para fazer uma oferenda, se você acredita que um irmão ou irmã tem alguma mágoa contra você, você deve se reconciliar antes de fazer a oferenda. (cf. Mt 5:23-24) Finalmente Jesus ensina seus discípulos a rezar: “Perdoe as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores.” (Mt 6:12).

Os primeiros cristãos entendiam as perspectivas de Jesus e tentavam viver como uma comuni-

acterized by justice and equality. The earth is God's and belongs equally to all. All humans are equally vice-gerents of God. They can choose a leader to guide them. But everyone still remains responsible for the life of the community and needs to be consulted in matters that concern them. An Islamic scholar of Pakistan calls this 'theodemocracy'. There is no sovereignty of the people as in modern democracy. There is no sacred hierarchy in Islam. The Ulema leads the prayer. Otherwise he has no powers over the community. All are equal before God. God alone is sovereign. But everyone is responsible for the community. The goods of the world are held in trusteeship by the community and are meant to be used for all.

One of the important attributes of Allah is that he is merciful. Like Allah the humans too have to be merciful. Different verses are quoted from the Quran. "Turn to forgiveness and enjoin good." (7:199) "Let them forgive and show indulgence. Yearn ye not that Allah may forgive you? Allah is forgiving, merciful." (24:22) Among the qualities of believers one is: "When angered they forgive." (42:37) A Hadith or Traditional story concerning Mohammed has him saying: "The best deed before Allah is to pardon a person who has wronged you, to show affection for relatives who have broken ties with you, to show affection for relatives who have broken ties with you, and to act generously towards a person who has deprived you."¹ Islam is a religion of a community under God. It is a problem when that community becomes exclusive and dominates others.

Hinduism

The possible contribution of Hinduism to peace is complicated by two factors: the caste system and the theory of *karma*. The caste system is

dade de partilha e companheirismo. (cf. Atos 2:44-47), mesmo que tensões tenham se desenvolvido em seguida e que os Apóstolos tenham nomeado diáconos. (cf. Atos 6:1-6).

O Islã tem uma preocupação especial com o pobre. *Zakat* ou doação de esmolas é um dos cinco pilares do Islamismo. Os outros pilares são: a profissão da fé, a oração cinco vezes ao dia, o jejum, especialmente durante o Ramadã, e a peregrinação à Meca, quando possível. Uma pessoa deve dar 2,5% de sua renda para os pobres, mas pode dar mais. Dessa forma, algum tipo de igualdade econômica busca ser mantida na sociedade. Em um país islâmico, o Estado pode coletar um imposto como a *Zakat* e distribuir o dinheiro ou os bens aos pobres. O Islamismo proíbe os juros nos empréstimos, ainda que haja uma jurisprudência elaborada neste assunto.

Uma das importantes doutrinas do Islã é a *Tawhid* ou a unicidade de Deus. Deus é um. Isso implica que a comunidade também deve ser única, caracterizada pela justiça e igualdade. A terra é de Deus e pertence igualmente a todos. Todos os humanos são igualmente vice-gerentes de Deus. Eles podem escolher um líder para guiá-los. Mas todos ainda permanecem responsáveis pela vida da comunidade e pelas necessidades a serem consultadas em assuntos que lhes importam. Um acadêmico paquistanês muçulmano chama isso de "teodemocracia". Não há a soberania do povo como na democracia moderna. Não há uma hierarquia sagrada no Islã. O Ulema lidera a oração. Caso contrário, ele não tem poderes sobre a comunidade. Todos são iguais perante Deus. Apenas Deus é soberano. Mas todos são responsáveis pela comunidade. Os bens do mundo são administrados pela comunidade e são destinados a serem usados por todos.

Um dos importantes atributos de Allah é a sua misericórdia. Como Allah, os humanos também devem ser misericordiosos. São citados versos diferentes do Alcorão. "Se vire ao perdão e instrua

1. Quoted in Karen Armstrong, *A History of God*. London: Vintage, 278-279.

a hierarchical social system that determines one's status in society in terms of the social group in which one is born, which in turn is decided by the work the group is doing and its accessibility to the sacred in a purity-pollution scale. One's status in the social group determines also one's rights and responsibilities in society. There are no universal rights. Secondly one's status in society and what may happen to one in life is also determined by one's action in the past life. However there is a strong sense of justice or *dharma* in society guaranteed by God, who is ready to become incarnate in the world, precisely to maintain justice when it is under threat. Krishna, the incarnation of Vishnu, tells Arjuna, his warrior devotee, "For the salvation of those who are good, for the destruction of evil in men, for the fulfillment of the kingdom of righteousness, I come into this world in the ages that pass."² Of course he asks for the collaboration of all his devotees. The caste system has been criticized by some of the Bhakti sects. In any case Indians, including Hindus, have accepted the requirements of a modern democracy like individual rights. The Indian Constitution, besides speaking of duties, also recognizes group rights, especially of those oppressed in the past, who are given preferential treatment in the educational and job market. The impact of this is that the traditional theories of caste and *karma* are under challenge also religiously.

Though there is Hindu communalism, Hinduism has never been really fundamentalist, because there is such a variety of sects. For this reason, Hinduism is also more open to other religions. The non-violence of Gandhi, though inspired by Jesus, has its roots in Hinduism, influenced by Jainism and Buddhism. A Dalit leader, Narayana Guru, has also shown how the doctrine of non-duality, which asserts the communion of

o bem". (7:199) "Deixe-os perdoar e mostre indulgência. Ansiaste vós que Deus possa perdoá-lo? Allah é indulgente, misericordioso." (24:22) Dentre as qualidades dos crentes, uma é: "Quando enraivecidos eles perdoam" (42:37). Um Hadith ou história tradicional a respeito de Mohammed tem sua fala: "A melhor ação, ante Deus, é perdoar uma pessoa que o ofendeu, para mostrar afeição por parentes que romperam laços com você e agir com generosidade para com uma pessoa que privou você."

¹ O Islamismo é a religião de uma comunidade sob Deus. É um problema quando a comunidade se torna exclusiva e domina outras.

Hinduísmo

A possível contribuição do hinduísmo para a paz é complicada por dois fatores: o sistema de castas e a teoria do *karma*. O sistema de castas é um sistema social hierárquico que determina o status do indivíduo na sociedade em relação ao grupo social em que ele nasceu, o que por sua vez é decidido pelo trabalho que o grupo realiza e sua acessibilidade ao sagrado em uma escala de pureza-poluição. O status do indivíduo no grupo social também determina os direitos e as responsabilidades desse indivíduo na sociedade. Não há direitos universais. Além disso, o status do indivíduo na sociedade e o que pode ocorrer na sua vida também é determinada por suas ações na vida passada. Entretanto, há um forte senso de justiça ou *dharma* na sociedade garantido por Deus, que está pronto para se encarnar no mundo, precisamente para garantir a justiça quando ela está sob ameaça. Krishna, a encarnação de Vishnu, conta a Arjuna, sua devota guerreira, "Para a salvação daqueles que são bons, para a destruição do mal nos homens, para a realização do reino da justiça, eu venho nesse mundo nas eras que

1. Citado em Karen Armstrong, *A History of God*. London: Vintage, 278-279.

2. The *Bhagavad Gita*, VIII, 8.

all beings in the divine, is against discriminations based on caste.

With regard to forgiveness, the Mahabharata says: "Righteousness is the one highest good; and forgiveness is the one supreme peace; knowledge is one supreme contentment; and benevolence, one sole happiness."³ A Tamil poet, Tiruvalluvar, has these two aphorisms: "Just as the earth bears up those who are digging on it, it is best to forgive those who abuse you. The best way to punish those who have wronged you is to shame them by doing good to them."

Buddhism

The Buddha renounced a kingdom and, finding the way of austerity unhelpful, discovered the middle path and sought to live in the world, but without attachment or desire. He said that the whole of reality is in movement, mutually dependent. So the best is to stand apart. Being free, one is full of compassion for those who are still caught up in the world process. Non-violence is basic to Buddhism. The experience of mutual dependence has been recognized as socialism by Bhikku Buddhadasa of Thailand. He was fighting to save the youth both from the atheistic communism of the Soviet Union and the secularist and individualistic consumerism of the Americans. Thich Nhat Hanh of Vietnam insisted on living in the present moment with compassion for all, because we are mutually interdependent. This mutual interdependence becomes the guarantee for peace and harmony in the world.

Conclusion

Religions seem to be playing a key role whether in war or in peace. We, obviously, want

3. *Mahabharata*, Udyoga Parva, Section XXXIII.

passam"². É claro que ele pede pela colaboração de todos os seus devotos. O sistema de castas tem sido criticado por alguns das seitas Bhakti. De qualquer forma, indianos, inclusive hindus, tem aceitado os requisitos de uma moderna democracia, como os direitos individuais. A Constituição Indiana, além de tratar de deveres, também reconhece direitos de grupos, especialmente daqueles que foram oprimidos no passado, que recebem tratamento preferencial no mercado educacional e de trabalho. O impacto disso é que as teorias tradicionais das castas e *karma* estão sendo desafiadas também religiosamente.

Ainda que exista o comunalismo hindu, o hinduísmo nunca foi de fato fundamentalista, pois há uma variedade de seitas. Por essa razão, o Hinduísmo também é mais aberto a outras religiões. A não-violência de Gandhi, ainda que inspirada por Jesus, tem sua origem no hinduísmo, influenciado pelo jainismo e budismo. Um líder Dalit, Narayana Guru, também mostrou como a doutrina da não-dualidade, que afirma a comunhão de todos os seres no divino, sendo contra discriminações baseadas em castas.

No que diz respeito ao perdão, Mahabharata diz: "A justiça é um bem maior; o perdão é a única paz suprema; o conhecimento é um contentamento supremo; e a benevolência, uma felicidade única."³ Um poeta Tamil, Tiruvalluvar, tem dois aforismas: "Assim como a terra suporta aqueles que a estão cavando, é melhor perdoar aqueles que abusam de você. A melhor forma de punir aqueles que erraram é envergonhando-os ao fazê-los o bem."

Budismo

O Buddha renunciou a um reino e, achando o caminho da austeridade inútil, descobriu um

2. The *Bhagavad Gita*, VIII, 8.

3. *Mahabharata*, Udyoga Parva, Section XXXIII.

it to play a role in making peace in a world that is still being troubled with conflicts across the globe. But what can religions really do in the contemporary situation? In certain parts of the world religions seem to be losing their influence. Much of Europe is secularized. Some months ago it was said that the largest group in the USA today is of people who are not attached to any religion. This group may cover a spectrum from the anti-religious to a-religious. Among the people who belong to a religion we will have three groups. There are normal practitioners and their traditional leaders. There are people very active in need-based religiosity. There will be a minority of people who are involved in mission and leadership in some way. Who will provide the leadership to the religions in the task of peace making?

Owing to large scale migrations most countries in the world are religiously pluralistic. They are divided, not only by their faith, but also by their economic, social and political status. They are also divided according to their mutual appreciation as religions. Collaboration between them will not be easy. We have also to ask ourselves: collaboration at what level and how? What are the theological and other presuppositions for such collaboration?

But the challenge remains. What I would like to insist here that any collaboration between religions is not merely a religious issue, but also a political and social issue. I hope that the coming days will throw some light on these and other questions.

The Second World Parliament of Religions (Chicago, 1993) published a Declaration of a *Global Ethic*, which had four basic affirmations:

1. Commitment to a culture of non-violence and respect for life
2. Commitment to a culture of solidarity and a just economic order
3. Commitment to a culture of tolerance and a life of truthfulness

meio termo e buscou viver no mundo, sem apego ou desejo. Ele disse que o todo da realidade está em movimento, mutualmente dependente. Então é melhor ficar à parte. Sendo livre, o indivíduo é cheio de compaixão por aqueles que ainda estão “presos” no processo mundial. A não-violência é básica ao budismo. A experiência da dependência mútua tem sido reconhecida como socialismo pelo Bhikku Buddadasa da Tailândia. Ele estava lutando para salvar a juventude tanto do comunismo ateu da URSS quanto do consumismo secularista e individualista dos americanos. Thich Nhat Hanh do Vietnã insistiu em viver no presente momento com compaixão por todos, porque somos mutuamente interdependentes, essa interdependência mútua se torna a garantia para a paz e harmonia no mundo.

Conclusão

As religiões parecem ter um papel central na paz ou na guerra. Nós, obviamente, queremos que ela tenha um papel na construção da paz em um mundo que ainda está atormentado por conflitos através do globo. Mas o que as religiões realmente podem fazer na situação contemporânea? Em certas partes do mundo, as religiões parecem estar perdendo sua influência. Muito da Europa é secularizada. Alguns meses atrás foi dito que o maior grupo nos EUA atualmente é o de pessoas que não estão ligadas a nenhuma religião. Esse grupo abarca o espectro desde os anti-religiosos até os não-religiosos. Dentre as pessoas que pertencem a uma religião nós temos três grupos. Há os praticantes normais e seus líderes tradicionais. Tem as pessoas muito ativas em uma religiosidade baseada em necessidade. Há uma minoria de pessoas que estão envolvidas em missões e lideranças de alguma forma. Quem proverá a liderança às religiões na tarefa da construção da paz?

Devido a uma larga escala de migrações, a maioria dos países no mundo são pluralistas religio-

4. Commitment to a culture of equal rights and partnership between men and women

It said further: “*No world peace without peace among religions; no peace among religions without dialogue between religions.*” This will be for another paper.

sos. Eles são divididos, não só pela sua fé, mas também pelo seu status econômico, social e político. Eles também são divididos de acordo com sua apreciação religiosa mútua. A colaboração entre elas não será fácil. Nós também temos de perguntar a nós mesmos: colaboração a que nível e como? Quais são as pressuposições, teológicas ou não, necessárias para tal colaboração?

Mas o desafio permanece. O que eu gostaria de ressaltar aqui é que qualquer colaboração entre religiões não é apenas uma questão religiosa, mas também uma questão política e social. Eu espero que os próximos dias esclareçam essas e outras questões.

O Segundo Parlamento Mundial das Religiões (Chicago, 1993) publicou a Declaração da Ética Global, que tem quatro afirmações básicas:

- Compromisso com uma cultura de não-violência e respeito pela vida;
- Compromisso com uma cultura de solidariedade e uma ordem econômica justa;
- Compromisso com uma cultura de tolerância e uma vida de veracidade;
- Compromisso com uma cultura de igualdade de direitos e parceria entre homens e mulheres.

Ela afirmou ainda: “*Não há paz mundial sem paz entre religiões; não há paz entre religiões sem diálogo entre as religiões.*” Isso ficará para outro trabalho.

Recebido em: 15/10/2015

Aprovado em: 18/10/2015